

Pesquisa em homeopatia aponta para a caracterização de fenômenos

Nossa entrevistada desta edição é a médica veterinária Leoni Villano Bonamin, docente de pós-graduação da Universidade Paulista (Unip) e do Instituto Brasileiro de Estudos Homeopáticos (Ibehe). Formada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo em 1987, é doutora em Patologia Experimental pela USP também, com especialização em Homeopatia pelo Ibehe desde 1995.

Na área de pesquisa, trabalha com substâncias ultradiluídas, que também inclui o medicamento homeopático, fazendo parte de uma comunidade que atua no mundo todo nesse tipo de pesquisa, o GIRI - Groupe International de Recherche sur l'Infinitésimal, grupo que também preside pelo triênio 2002-2005. A entrevista foi coordenada pela dra. Maria Thereza Amaral, com o apoio da equipe da Cultura Homeopática

CH – Quais são as bases epistemológicas que fundamentam sua abordagem em pesquisa básica? Que tipo de trabalhos tem realizado? Para onde apontam as linhas atuais em pesquisa básica em homeopatia?

LVB – Base epistemológica: “Teoria dos significados corporais” (a tradução certa é significados mesmo) de Agnès Lagache e Madeleine Bastide. Nossa principal linha de pesquisa atualmente é “Modelos experimentais para o estudo das ultradiluições”. Antes de mais nada, é preciso estabelecer quais modelos experimentais são adequados para estudar ultradiluição com um bom padrão de reprodutibilidade. Temos estudado modelos de comportamento animal e inflamação, que parecem ser ótimos para se observar o fenômeno homeopático. Recentemente, iniciamos uma nova linha em reprodução, com resultados preliminares. As linhas atuais de pesquisa apontam para a “caracterização fenomenológica” do fenômeno, ou seja: mostrar que o fenômeno existe e quais são suas propriedades. Como a anatomia descritiva na Renascença. Mesmo as pesquisas na área de física, que recentemente tiveram avanço considerável, ainda estão longe de mostrar como se processa o princípio de similitude no sistema biológico. Porém, mostrar o que provavelmente acontece com a água é um grande e interessante primeiro passo.

CH – Como está a receptividade do meio científico às pesquisas com substâncias infinitesimais em geral e em homeopatia em particular?

LVB – Surpreendentemente boa. Nas universidades onde trabalho tenho recebido bastante apoio. Também não tenho tido problemas para divulgar os

trabalhos em congressos não relacionados com homeopatia, nacionais e internacionais. As publicações (*full paper*) são mais difíceis, por uma questão de linguagem. Os pareceristas das revistas tradicionais simplesmente não entendem as interpretações dos dados experimentais. É preciso criar uma linguagem comum aos dois mundos. Entretanto, é possível publicar com qualidade em revistas de homeopatia e terapia complementar indexadas no sistema MEDLINE. Temos boas opções de revistas indexadas, como o *Homeopathy* e o *Journal of Alternative and Complementary Medicine*. O primeiro passo para se fazer pesquisa em homeopatia é (pelo menos em parte) desligar-se a um tempo do saudosismo Hahnemanniano e do mecanicismo Cartesiano. E procurar um caminho intermediário, sem contudo abandonar os princípios fundamentais da homeopatia e o rigor metodológico.

CH – O que a sra. entende como “caminho intermediário”? Intermediário entre o quê? Por que fala em “mecanicismo cartesiano”? Como aplica em sua pesquisa os princípios fundamentais da Homeopatia? Aliás, quais seriam, no seu entender, esses princípios?

LVB – Para mim, caminho intermediário é assumir que sistemas biológicos podem assimilar e se auto-organizar frente a informações biológicas, sem necessariamente passar pelo sistema cognitivo. Há estudos mostrando que um órgão isolado pode “entender” essas informações biológicas, expressas em sistemas dinamizados. E princípios fundamentais são similitude e doses infinitesimais. Ao entrar em contato com o trabalho da Profª Bastide, percebi que é pre-

ciso mudar a maneira de pensar, de estruturar um raciocínio lógico. Evitar a linearidade que está enraizada na nossa formação, tanto tradicional quanto homeopática. A compreensão do fenômeno homeopático passa obrigatoriamente por isso.

CH – Ao que a sra. se refere quando diz “linearidade”? Como se aplica esse conceito na formação homeopática? O que é “isso” por onde deve passar a compreensão do “fenômeno homeopático”? O que é “fenômeno homeopático”?

LVB – Linearidade é pensar em tudo como causa e efeito e não como contextos. Não se pratica homeopatia nem na clínica nem na pesquisa, pensando tudo como causa e efeito. Todo homeopata sabe disso. O fenômeno homeopático é o fenômeno das informações biológicas e suas interações. Todas essas perguntas surgem do *gap* que parece haver entre as concepções de clínicos e pesquisadores básicos. Para mim, enquanto clínica, seria muito interessante entender como abordam a homeopatia em geral, e a pesquisa em particular, os que se dedicam à pesquisa básica.

CH – O que a Homeopatia tem a oferecer à pesquisa científica e à pesquisa sobre substâncias infinitesimais?

LVB – A homeopatia tem uma abordagem analógica e arquetípica. Esta abordagem representa uma ferramenta muito útil na compreensão de fenômenos e sistemas complexos, como os fenômenos biológicos. Sobretudo em relação às funções autopoieticas, como a interação neuro - imuno - endócrina. Tenho um palpite: a biologia molecular precisará, em breve, adotar também esta racionalidade para compreender de fato a complexidade dos fenômenos gênicos.

CH – A que grupos de pesquisa do Brasil e do exterior pertence? Eles têm site?

LVB – Ao GIRI (groupe international de recherche sur l’infinitesimal). Fundado na década de 80, reúne hoje cerca de 100 pesquisadores de diversos países, inclusive o Brasil. Site: www.giriweb.com

CH – Qual a importância do GIRI para a pesquisa básica em geral, e a homeopática em particular, no cenário mundial?

LVB – É a única sociedade científica no mundo formada por pesquisadores e professores universitários dedicados à pesquisa sobre as ultradiluições, em especial a homeopatia. Para ser membro do GIRI é preciso ter publicações em revistas indexadas. O GIRI é como a FESBE no Brasil, só que voltado para pesquisas em UHD. É como um laboratório de idéias

na área, que organiza congressos, eventos, cursos, encontros, publicações.

CH – Como a sra. entende, sendo uma pesquisadora básica, o que deveria ser uma aproximação mais “orgânica” entre as áreas clínica e básica, sempre tão distanciadas?

LVB – Fazendo discussões em conjunto de projetos de pesquisa e resultados de pesquisa. Só pensando juntos trabalharemos juntos. Não há fórmulas, acredito. Contudo, é preciso estar aberto para receber informações diferentes daquelas que estamos acostumados a ter. E, principalmente, deixar de lado os “partidarismos filosóficos”. A pesquisa experimental trata dos efeitos das ultradiluições e envolve modelos de isopatia, isosendopatia e similitude propriamente dita. Se isso é homeopatia ou não, deixa-se para um segundo momento. O importante é discutir e entender o fenômeno biológico e como cada descoberta pode ser útil, direta ou indiretamente, para a prática clínica. Os dados provenientes da clínica, por sua vez, são excelentes pontos de partida para estudos experimentais.

CH – Quais as prioridades atuais quando se trata de estabelecer estudos transdisciplinares, por exemplo, com psicanalistas, filósofos e físicos?

LVB – A mesma coisa. Coloca-se cada um deles num mesmo caldeirão e faz-se um “bouillon”. Isto é, discutimos de tudo e aprendemos uns com os outros. Há dois anos temos feito discussões periódicas com esse fim, com pesquisadores de várias origens geográficas, áreas e instituições, e temos tido resultados surpreendentes. Aprende-se muito e é muito divertido. Metas, organizações estruturadas, soluções burocratizadas não são prioridade agora. Ainda estamos na fase das “descobertas”. E só se faz isso quando se pensa junto.

CH – Como as pesquisas acerca do infinitesimal vêm conversando com uma outra área emergente e correlata como a nanotecnologia?

LVB – Não conheço nenhum grupo de pesquisa que faça essa aproximação. Seria muito interessante conhecer um. Isso nos ajudaria a entender vários fenômenos naturais que “antecedem” o fenômeno homeopático propriamente dito, ou seja: o princípio da similitude. Aliás, o principal entrave da homeopatia perante a ciência hegemônica não é a questão das “diluições infinitesimais”, ao meu ver. É demonstrar e entender o princípio de similitude como um fenômeno biológico, pois para isso é preciso reformular velhos e sólidos paradigmas. E, até onde sei, a nanotecnologia ainda está baseada no paradigma mecanicista tradicional.